



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Stefani Ceolla de Moraes

A migração na literatura de ficção produzida em Santa Catarina:
Um diálogo entre Verde Vale e Paraíso-Paraguay

Florianópolis
2025

Stefani Ceolla de Moraes

A migração na literatura de ficção produzida em Santa Catarina:

Um diálogo entre *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay*

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de bacharela em Letras.

Orientador: Prof. Ricardo Gaiotto de Moraes

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica para trabalhos acadêmicos

Stefani Ceolla de Moraes

A migração na literatura de ficção produzida em Santa Catarina:

Um diálogo entre *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay*

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, 10 de dezembro de 2025.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Ricardo Gaiotto de Moraes, Dr.

Orientador

Prof.(a) Tânia Regina Oliveira Ramos, Dr.(a)

UFSC

Prof.(a) Zilma Gesser Nunes, Dr.(a)

UFSC

Florianópolis, 2025.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me ensinou o gosto pelos livros. Ao meu pai, minha madrasta, meu irmão e minhas primas, pelo apoio às minhas escolhas. À Bella, Mariah, Alícia, Ana Lires, Gabi, Mahara, Mariana e Malu, por me darem motivos para crer num futuro melhor. Às minhas amigas, que estiveram comigo nesta jornada, e às minhas colegas de trabalho, que me ouviram incansavelmente falar sobre o assunto.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por possibilitar o recomeço. Ao meu orientador, professor Ricardo Gaiotto, por acreditar no meu trabalho e me guiar nessa empreitada, me mostrando os melhores caminhos. À professora Tânia Ramos, pelo incentivo e motivação não apenas na Academia. A todos os docentes que cruzaram meu caminho no curso de Letras.

Agradeço ainda aos escritores Urda Klueger e Marcelo Labes, e a outros nomes da literatura produzida em Santa Catarina, como Carlos Henrique Schroeder e Ieda Magri, por me ajudarem a ver a diversidade e a força da expressão literária deste Estado tão contraditório em que nasci.

“Mas, companheiro, esse é o meu livro!”

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa o modo como a migração aparece na literatura de ficção produzida em Santa Catarina a partir do diálogo entre os romances *Verde Vale*, de Urda Alice Klueger (1979), e *Paraíso-Paraguay*, de Marcelo Labes (2021). Publicadas com um intervalo de mais de quarenta anos, as obras apresentam perspectivas distintas sobre a colonização alemã em Blumenau. A partir da leitura comparativa dos romances, da análise de suas personagens e narradores, identificam-se elementos comuns, como a chegada dos imigrantes alemães, a participação deles na Guerra do Paraguai e a relação com o “outro”. O estudo discute ainda migração, identidade e a representação da realidade na ficção.

Palavras-chave: literatura catarinense; migração; memória; romance histórico.

ABSTRACT

This undergraduate thesis analyzes how migration is portrayed in fiction literature produced in Santa Catarina, based on the dialogue between the novels *Verde Vale*, by Urda Alice Klueger (1979), and *Paraíso-Paraguay*, by Marcelo Labes (2021). Published more than forty years apart, the works present distinct perspectives on German colonization in Blumenau. Through a comparative reading of the novels and an analysis of their characters and narrators, common elements are identified, such as the arrival of German immigrants, their participation in the Paraguayan War, and their relationship with the “other.” The study also discusses migration, identity, and the representation of reality in fiction.

Keywords: literature from Santa Catarina; migration; memory; historical novel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 VERDE VALE E PARAÍZO-PARAGUAY.....	14
2.1 NARRADORES E PERSONAGENS.....	15
3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	20
3.1 A GUERRA DO PARAGUAI.....	25
4 NÓS E OS OUTROS.....	27
4.1 INDÍGENAS, NEGROS E BRASILEIROS.....	28
4.2 QUANDO O “OUTRO” PASSA A SER “NÓS” (OU QUASE).....	30
5 REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA FICÇÃO.....	33
5.1 BLUMENALVA E NAUEMBLU.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXO2	

1 INTRODUÇÃO

Deus não dirige o destino dos povos, Marcelo Labes, Caiaponte Edições, 2023, página 19: “Urda, sua amiga jornalista, aposentada há muitos anos, havia lhe dito que para morar em Florianópolis bastava alugar um apartamento, uma casa, e ter alguma renda para não morrer de fome”. O texto acrescenta: “Mas para se dar bem em Florianópolis era outra história. Era preciso cruzar a ponte”.

Na primeira tarde da primavera de 2023, cruzei a ponte que separa a ilha do continente e segui rumo à Enseada de Brito, em Palhoça, na Grande Florianópolis. Meu guia era Marcelo Labes. O destino: a casa da escritora Urda Alice Klueger. Fomos até lá para gravar uma conversa entre os dois para um episódio da série especial do Posfácio Podcast¹, criado por mim e por Caroline Passos, sobre Literatura Catarinense (ANEXO).

Nascidos e crescidos em Blumenau, Labes e Klueger são amigos de longa data. Eles têm mais de 30 anos de diferença na idade, mas muitas semelhanças nos ideais, no estilo de vida e na produção literária.

Uma das pessoas entrevistadas na série especial do Posfácio Podcast sobre Literatura Catarinense foi o historiador e escritor Viegas Fernandes da Costa. A respeito de Urda Klueger, ele afirmou: “Ela vai ser a nossa autora mais bem sucedida sob o aspecto inclusive editorial” (Posfácio Podcast, 2023). Costa atribuiu a isso, “além da qualidade do trabalho dela”, o fato de Klueger ter publicado por uma editora, a Lunardelli. “Ela conseguiu projetar a Urda para fora inclusive do Estado. É uma autora que tem mais de 20 títulos publicados, de sucesso. *Verde Vale* teve dez edições, e não foram edições pequenas, as com tiragens menores tiveram 1 mil exemplares” (Posfácio Podcast, 2023). Para Costa, tratava-se de uma obra com “uma circulação gigantesca para os padrões do que se produz no Brasil” (Posfácio Podcast, 2023).

Décadas depois, Marcelo Labes criou sua editora, a Caiaponte Edições, e começou a se autopublicar por meio de ações de financiamento coletivo. Autor de 15 livros, tem no currículo trabalhos reconhecidos nacionalmente, como *Enclave*, finalista do Prêmio Jabuti em 2019 na categoria Poesia, o romance *Paraíso-Paraguay*, que ficou em segundo lugar no Prêmio Machado de Assis, da Fundação

¹ O Posfácio Podcast foi criado em 2021 por Stefani Ceolla e Carol Passos. A série especial Literatura Catarinense teve sete episódio e um bônus e foi veiculada em 2023. O episódio sobre Urda Klueger e Marcelo Labes é o segundo da série, que foi reconhecida com o segundo lugar na categoria áudio no Prêmio da Associação Catarinense de Imprensa em 2024.

Biblioteca Nacional, em 2019 e foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020, e *Três porcos*, vencedor do Prêmio Machado de Assis em 2021. Sua publicação mais recente é o romance *Memória do chão*, publicado em 2025, pela Companhia das Letras.

Naquele episódio do Posfácio Podcast, Carlos Henrique Schroeder, escritor, crítico e curador, falou sobre Labes: “tem uma característica muito interessante, porque além dos livros todos serem excelentes, ele foi alguém que conseguiu, dentro das bolhas das redes sociais, criar caixas de ressonância. E isso levou a obra dele muito longe” (Posfácio Podcast, 2023). Schroeder destacou também a importância dos prêmios, e avaliou que “sem precisar estar na grande mídia, ele conseguiu chegar muito longe” (Posfácio Podcast, 2023).

Labes atribui às conversas com Klueger muito de seu repertório para a criação literária. Além de *Deus não dirige o destino dos povos*, ela está presente, de maneira simbólica, em outras obras de Labes, como ele revelou naquela conversa gravada para o podcast. Talvez o maior ponto de contato literário entre os dois seja os romances *Verde Vale*, publicado por Klueger em 1979, e *Paraíso-Paraguay*, lançado por Labes em 2021. O diálogo entre estes dois romances é o objeto deste Trabalho de Conclusão de Curso. Mas antes de entrar na análise das obras, retomo outros pontos daquela conversa no quintal da casa de Klueger, em 2023.

Labes contava sobre sua publicação mais recente naquele momento, *Deus não dirige o destino dos povos*, quando Klueger perguntou: “Eu acho que sou personagem, né?” (Posfácio Podcast, 2023). O escritor respondeu: “Mais de uma vez. A Urda está na gênese de *Deus não dirige*” (Posfácio Podcast, 2023). Quando perguntei o motivo, ele respondeu apenas “só por ser a Urda”, e seguiu-se um diálogo entre os dois que passou por lembranças de confidências em um porão e nas ruas de Blumenau, e de histórias pouco simpáticas sobre a cidade, como a exploração de operários da indústria, o racismo e a xenofobia, a participação em atos antidemocráticos, entre outras.

Naquele episódio do Posfácio Podcast sobre Labes e Klueger, afirmei que a conversa entre eles tratava da “outra história de Santa Catarina, que se a história oficial não deu conta de contar, ou, se contou, não chegou a todo mundo, a ficção foi lá e tapou os buracos” (Posfácio Podcast, 2023). Foi o que eles fizeram, cada um à sua maneira, em sua produção literária, o que fica evidenciado em *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay*, dois romances históricos.

Naquela tarde de primavera, Klueger nos disse: “Marcelo não há de se lembrar, porque ele leu na escola, tinha uma paraguaia [em *Verde Vale*] que veio junto com aqueles que voltaram da Guerra do Paraguai. Andava de cavalo, era livre, os alemães não aceitaram ela” (Posfácio Podcast, 2023).

Labes, de fato, não se lembrava:

Eu não tinha mais a menor ideia do *Verde Vale*. E aí escrevi *Paraíso-Paraguay* e um dia a gente [ele e Klueger] estava fofocando ao telefone, eu tinha acabado de mandar o *Paraíso* pra gráfica, e disse: ‘ah, então, companheira, eu mandei meu livro pra gráfica’, e ela perguntou ‘sobre o que é teu livro?’, e eu ‘ah, é um alemão que vai pra guerra’ (Posfácio Podcast, 2023).

Naquela ligação, Klueger respondeu a Labes: “mas, companheiro, esse é o meu livro!” (Posfácio Podcast, 2023).

Quando o jovem escritor percebeu que seu romance contemplava algo que estava presente na já reconhecida obra da conterrânea, escrita 40 anos antes, acreditou que seria um desastre. Mas não foi. Naquele episódio do Posfácio Podcast, analisamos que as histórias não se repetem: se complementam.

Aquela tarde na Enseada de Brito motivou a análise que dois anos depois faço neste TCC. O trabalho parte da leitura de *Verde Vale* e de *Paraíso-Paraguay* e identifica pontos de contato entre os dois romances, como a chegada de imigrantes alemães a Blumenau, a participação deles na Guerra do Paraguai e a relação com o “outro”, aqui definido como “aquele que não faz parte do grupo”, nas palavras de Julia Kristeva em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994, p.100).

Busca-se demonstrar como o imigrante alemão é representado na ficção a partir destes dois romances, assim como a colônia; como se dá o contato com outros povos; duas perspectivas relacionadas à participação de alemães na Guerra do Paraguai; e a construção da identidade desta população.

Para isso, este trabalho é dividido nos seguintes capítulos: “*Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay*”, que apresenta os romances e suas personagens; “Construção da identidade”, que aborda como a literatura contribui para a formação identitária e cultural de um povo, a questão da migração, e inclui um elemento fundamental nos dois romances neste aspecto: a Guerra do Paraguai; e “Nós e os outros”, que analisa de que maneira os alemães se veem, são vistos, e como percebem as pessoas de outras etnias com quem passam a ter contato, tanto em *Verde Vale* quanto em *Paraíso-Paraguay*.

O objetivo é colocar os dois livros em diálogo e entender as semelhanças e diferenças entre as histórias contadas analisando os pontos de contato entre eles.

2 VERDE VALE E PARAÍZO-PARAGUAY

Em 1979, Klueger contou, em *Verde Vale*, a história da colonização alemã em Blumenau a partir da chegada da família Sonne, em 1857. Um narrador em terceira pessoa a acompanha desde sua partida da Alemanha até a chegada a Itajaí, e, depois, a ida para a sede da então Colônia Blumenau. O casal e seus filhos passam por dificuldades, enfrentam saudades da terra natal, mas também se sentem acolhidos entre os pares, recebem terras e apoio do governo para cultivá-las, aumentam a prole e celebram uma vida de vitórias.

Em 2021, Labes parte do momento presente para contar a história de uma família sem sobrenome, mas que também se considera de origem alemã, em *Paraízo-Paraguay*. Alterna um narrador em terceira pessoa com a narrativa em primeira pessoa de uma personagem, Olga, que em seus últimos dias de vida rememora a história da própria família, uma história que começa com a chegada de um imigrante alemão e inclui violências dos colonizadores.

Verde Vale, de Klueger, foi publicado pela Editora Lunardelli em 1979. Na orelha do livro, a autora afirma: “a coragem era uma coisa necessária no dia a dia para se conseguir sobreviver, e foi com muita coragem que viveram nossos antepassados”. Klueger dedica o romance aos “heróis da nossa grande conquista”.

A apresentação de *Verde Vale*, assinada pelo poeta Marcos Konder Reis, filho de duas das mais tradicionais famílias catarinenses, carrega adjetivos e revela um resumo do livro: “A história de Humberto Sonne, um colono alemão, que a vida, no Brasil, fez ir-se apaixonando por sua nova pátria” (Reis, 1979, p.11).

Reis ainda explica que o livro de Klueger “não conta a vida atormentada de uma família, como quase todos em nossos dias”, e encurta: “Trata-se da história de um casal feliz, por causa do amor, e da felicidade de seus descendentes. Estranho? Talvez” (Reis, 1979, p.12). Para ele, *Verde Vale* “não transpira rancor” e “tem o poder das vidas felizes” (Reis, 1979, p.11).

Ao se referir à autora, Reis o faz de forma muito parecida com a apresentação que o narrador de *Verde Vale* faz dos imigrantes alemães, como

veremos a seguir: “Ela sabe das plantas e dos pássaros, dos rios, dos banhados e das praias do seu pequeno *país de Blumenau*” (Reis, 1979, p.11).

Klueger ainda é descrita como “essa brasileira loura e de olhos azuis tão claros que a gente sente medo de vê-los” e como “filha exemplar de tantas coisas boas e vivas que nosso pedaço de Brasil nos pode oferecer” (Reis, 1979, p.11). Além disso, para Reis, Klueger “ergue-se clara e terna, como um legado precioso e germânico ao sangue das veias de nosso país, feito, genialmente, da mistura de tantos sangues” (Reis, 1979, p.11).

Mais de 40 anos depois, o romance *Paraíso-Paraguay*, de Marcelo Labes, publicado pela Caiaponte Edições em 2021, também trata desta “mistura de sangues” e da colonização que deu origem à Blumenau, mas sob outra perspectiva.

Na orelha do livro, o escritor, crítico literário e curador catarinense Carlos Henrique Schroeder, anota que o romance “é uma lupa para um dos capítulos mais vergonhosos da história nacional, e também suporte para desmascarar uma série de estereótipos predominantes no Sul do Brasil”. O crítico se refere, especificamente, à Guerra do Paraguai, à migração e à colonização.

Se na dedicatória de *Verde Vale* Urda Klueger se refere aos heróis do passado, na de *Paraíso-Paraguay* Labes menciona “tudo que há de vir”. O romance de 2021 não conta com apresentação nem outros paratextos, e parte do presente para narrar o passado.

Enquanto *Verde Vale* “tem o poder das vidas felizes”, em *Paraíso-Paraguay* há “o desmantelamento da honra de um alemão imigrante” (Prass; Mügge; Kunz, 2023, p. 13).

2.1 NARRADORES E PERSONAGENS

O narrador de *Verde Vale* acompanha, desde a Alemanha, a vida de Humberto Sonne, que cresceu às margens do Reno.

Como os demais meninos da sua idade, do seu tempo e da sua terra, fez traquinagens na infância, frequentou a escola, foi confirmado aos quatorze anos e depois trabalhou com o pai, aprendendo o ofício de marceneiro. Havia nele, porém, uma semente de sede do impossível que o fazia achar monótona e vazia a vida que levava na marcenaria (Klueger, 1979, p. 13).

Esta sede do impossível o fez sair da cidade em que nasceu e viajar pelo continente europeu. Humberto Sonne é apresentado, inicialmente, como um

aventureiro. “Ele estava à procura do seu lugar” (Klueger, 1979, p. 14), e “possuía economias da sua vida errante” (Klueger, 1979, p. 15).

A mulher com quem vem a se casar, Eileen, por sua vez, é apresentada com alguém da alta burguesia alemã:

Órfã em menina, herdou um considerável patrimônio, que lhe permitiu frequentar as melhores escolas e ter a mais apurada educação. Tinha quinze anos quando descobriu que a fortuna deixada pelos pais se transformara em miragem (Klueger, 1979, p. 14).

Assim como Humberto, a coragem também é característica atribuída pelo narrador a Eileen, que “não se assustou com a nova vida que se lhe apresentava” (Klueger, 1979, p. 14).

Humberto e Eileen se encaixam naquilo que Candido (1998) chama de “personagens de costumes”, “apresentadas por traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados” (Candido, 1998, p. 61). Em toda a história de *Verde Vale*, o casal é descrito a partir de sua índole, do trabalho pesado, do comprometimento com a comunidade, do respeito e do amor pela família. Conforme Candido, essa é uma característica do romancista “de costumes”, que “vê o homem pelo seu comportamento em sociedade, pelo tecido das suas relações e pela visão normal que temos do próximo” (Candido, 1998, p. 62).

É em um cenário de escassez que o casal decide empreender a jornada que o traz ao Brasil, acompanhada de perto por este narrador que nos conta aquilo que Humberto e Eileen vivem e pensam.

“Numa manhã de fevereiro de 1857, a família Sonne desembarcou no Brasil” (Klueger, 1979, p. 21). Humberto tinha 32 anos e Eileen, 25. Ao chegar à sede da Colônia, depois de dias de viagem rio adentro, tiveram apoio para se instalar: “Os colonos receberiam cada qual um lote rural, de tamanho suficiente para poderem cultivar a terra e terem uma reserva de mato” (Klueger, 1979, p. 29).

Humberto comemora o apoio estatal: “por esse preço não compraríamos sequer o menor dos pedaços de terra nas margens do Reno. Eis-nos agora proprietários de um vale cheio de madeira!” (Klueger, 1979, p. 31). Era “terra suficiente para perpetuar gerações inteiras” (Klueger, 1979, p. 60), analisa o narrador de *Verde Vale*.

O momento de celebração contrasta com o vivido nos últimos tempos na Alemanha. Casados e com filhos, Humberto e Eileen se deparavam com condições

financeiras desfavoráveis e conflitos socioeconômicos. Conta o narrador: “Mais uma das eternas guerras grassava entre os estados alemães. Houve um aumento geral dos preços. A pequena Lisa estava doente. As economias do verão foram todas gastas com médicos e medicamentos” (Klueger, 1979, p. 18).

É nesse momento que Humberto começa a ouvir conversas sobre migração. Um amigo sugere:

Vá para o Brasil, homem. É o que de melhor há para se viver bem. Um país imenso, esperando para ser povoado, sem invernos, mas com um ótimo clima. Você é capaz de não acreditar, mas o Brasil é um lugar onde você planta um pedaço de pau e colhe batatas! (Klueger, 1979, p. 20).

Assim, o casal junta suas economias e parte em direção à Colônia Blumenau. A recepção é feita por outros imigrantes alemães, e os Sonne sentem-se em casa, conforme o narrador, ao encontrar um território em que falam a mesma língua e têm os mesmos hábitos que a maioria de seus vizinhos. Começa o trabalho duro para a construção da nova vida da família.

Toda essa saga é acompanhada de forma bastante próxima pelo narrador de *Verde Vale*, em relatos, por vezes, carregados de emoção:

E de repente Humberto descobriu que se sentia de novo forte e confiante, abraçou a mulher e a filha sabendo que as estava protegendo e encorajando. Quando as outras crianças se achegaram também a ele, ficou feliz por saber que lhes estava transmitindo confiança. Eileen levantou o olhar e fitou-o dentro dos olhos. Naquele olhar Humberto leu a gratidão silenciosa que ela lhe dirigia (Klueger, 1979, p. 22).

Como explica Anatol Rosenfeld (1998) em “Literatura e Personagem”, capítulo do livro *A personagem da ficção*, “a manutenção da terceira pessoa ‘finge’ o relato impessoal do narrador” (Rosenfeld, 1998, p. 24). Ele acrescenta que “o narrador, em geral, finge distinguir-se das personagens” (Rosenfeld, 1998, p. 25).

No caso de *Verde Vale*, isso é percebido porque este narrador não está acompanhando outras pessoas que aparecem de forma periférica na história, como os brasileiros, e sim os imigrantes alemães que são protagonistas, particularmente Humberto, e seu ponto de vista. É a essa versão que temos acesso, mesmo quando este narrador é crítico, como veremos adiante.

Já em *Paraíso-Paraguay*, os primeiros personagens apresentados são Hans e Anna, sem sobrenome, “um casal de filhos de filhos de filhos de imigrantes europeus” (Labes, 2021, p. 10). Esta é a voz do narrador que abre o livro:

Falamos deles no passado, trinta, quarenta anos atrás, num tempo em que sua nacionalidade não era assunto passível de discussão. Nunca tocaram

no assunto, pois jamais tiveram motivo para duvidar que fossem alemães. Alemanha é onde se fala alemão, e ponto (Labes, 2021, p. 11).

Vive com o casal Olga, mãe de Hans, uma idosa doente e acamada, que em seus últimos dias de vida decide revelar a história da família. Assim, a narrativa se alterna: o narrador em terceira pessoa que acompanha a vida de Hans, Anna e dos filhos divide espaço com a narração de Olga, feita em primeira pessoa, que conta uma história do passado.

O narrador em terceira pessoa explica que Olga, à beira da morte, “conta do avô, da viagem pelo Atlântico, da chegada ao Brasil, dos bugres, de como se mata um índio, de como se afia um machado, quais árvores são boas para marcenaria e quais são melhores para queimar” (Labes, 2021, p. 30).

Inicialmente, as vozes deste narrador e de Olga são demarcadas, separadas por aspas, mas, aos poucos, essa linha divisória vai se esvaindo no texto.

“Quando desembarcou em Desterro”, diz Olga, “quando chegou à Ilha de Santa Catarina, ele não tinha nada. E não teve depois, nunca teve nada, só astúcia, só valentia, ele não tinha profissão ou estudo, ele não sabia onde queria chegar, mas estava ali, agora estava ali, tão longe de casa”, ria-se (Labes, 2021, p. 41).

Olga é a protagonista de *Paraíso-Paraguay*, personagem com um papel fundamental na estrutura do romance. Uma mulher acamada, que passa boa parte do livro inconsciente, dormindo ou em transe, e sobre a qual se sabe basicamente o que nos dizem as outras personagens, mas acaba tendo um impacto profundo na narrativa. Conforme Candido (1998):

A verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance (Candido, 1998, p. 75).

Como analisam Prass, Mügge e Kunz (2023), “a narrativa de Olga é entrecortada em um texto que mescla elementos históricos que perpassam mais de um século — da colonização ao período contemporâneo” (p. 2). Portanto, está na voz dela aquilo que torna o livro de Labes um romance histórico, como veremos a seguir.

A narração de Olga pode ser entendida como o testemunho de uma mulher que rememora em dois tempos: o anterior ao seu nascimento e o que perpassa a sua existência. Apresenta, nesse sentido, não apenas as fragmentações da memória e da estética da literatura brasileira contemporânea, mas também a fragmentação do discurso de testemunho,

entrecortado pela tensão entre oralidade e escrita (Prass; Mügge; Kunz, 2023, p. 8).

A rememoração de Olga revela duas personagens importantes para a história. A primeira delas é Wilhelm, que vem da Alemanha em condições diferentes dos Sonne e cuja história é narrada aos poucos, em fragmentos. É evidente, desde que aparece, que, diferente de Humberto de *Verde Vale*, Wilhelm é um homem de índole discutível - mas o quanto, vamos descobrindo conforme a história contada por Olga avança.

De acordo com Candido (1988), abordar as personagens de modo fragmentado é uma característica do romance moderno, que retoma, “no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento de nossos semelhantes” (p. 58).

Para Wilhelm, ao chegar a Blumenau, “não havia nem boas-vindas” (Labes, 2021, p. 51). Recebido pelo administrador da Colônia, ele tem a informação de que não havia “terras disponíveis para homens solteiros e sem formação”. “Aqui queremos famílias formadas e homens sábios. É do que precisamos” (Labes, 2021, p. 55), diz o administrador, que sugere, então, que Wilhelm vá para a Guerra do Paraguai em troca de terras quando retornasse ao Brasil.

Nesse diálogo, é possível entender melhor quem é Wilhelm:

Então o senhor, esperto que só, chega aqui como um fugitivo da lei e de repente pode ganhar algum dinheiro honesto, e ainda terras? Se sobreviver, claro, mas se o senhor chegou até aqui, não tenho dúvida de que possa enfrentar uns indígenas, não é? (Labes, 2021, p. 61).

Na sequência desta conversa franca, Wilhelm conta sobre a chegada ao Brasil, “como roubara a mala de um homem mais velho que ele no porto de Hamburgo, do encontro que teve em Desterro, da prisão, do aluguel de escravos e da fraqueza da carne junto da escrava” (Labes, 2021, p. 65).

Não se sabe da vida que Wilhelm levava na Alemanha: a história narrada por Olga começa a partir do momento em que ele chega ao Brasil. O narrador em terceira pessoa, por sua vez, continua contando aquela história até a morte de Olga, neta de Wilhelm.

Seguindo a orientação do administrador da Colônia, o alemão tornou-se um “voluntário da Pátria” na Guerra do Paraguai por obrigação e interesse. É no retorno ao Brasil que aparece a segunda personagem importante revelada por Olga.

Wilhelm sequestra um menino indígena paraguaio como “troféu”. Esse menino é José, que recebe o nome alemão Joseph e o apelido Pepe, e é o pai de Olga.

Esta origem só é revelada nos últimos dias de vida da protagonista. Surpresa com a informação, que deve permanecer em segredo, Anna diz a Hans: “Sabia que ele era índio? Que veio da guerra junto do teu bisavô? E que voltou ao Paraguay depois da velha nascer?” (Labes, 2021, p. 109).

A história contada por Olga é tomada como “real” pela família - e talvez também pelo leitor. Mas com base em Rosenfeld (1998), podemos analisar que tanto a narradora Olga como o narrador em terceira pessoa são elementos ficcionais do romance: “Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente” (Rosenfeld, 1998, p. 26). O mesmo ocorre com o narrador de *Verde Vale*.

É preciso destacar ainda que o narrador, ou narradores, torna-se “manipulador da função narrativa” (Rosenfeld, 1998, p. 26), ou seja: ele guia o leitor pela história que quer contar, conforme seu ponto de vista.

Rosenfeld lembra que isso ocorre mesmo no romance histórico, caso de *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay*. “As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a ser personagens; deixam de ser objetos e tornam-se sujeitos, seres que sabem dizer ‘eu’” (Rosenfeld, 1998, p. 26).

Este gênero literário, conforme Fleck (2007), é “um modelo de narrativa que conjuga elementos ficcionais com eventos históricos”, e abrange obras que “impulsionam o público a olhar para o passado com uma nova simpatia, pois nelas podem ser vistos aspectos obscuros ou ignorados pelas crônicas oficiais” (Fleck, 2007, p. 150).

O momento histórico, segundo o autor - a colonização de Blumenau, no caso de *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay* - é o “pano de fundo” deste tipo de romance, sobre o qual é colocada uma trama ficcional. No romance de Urda Klueger, a trama ficcional é a história da família Sonne. No caso de Labes, dos descendentes sem sobrenome de Wilhelm.

3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

No Brasil colônia, segundo Vieira (2020), o trabalho nas lavouras era realizado, até 1888, prioritariamente por pessoas escravizadas. Esse modelo econômico de exploração começou a enfrentar dificuldades antes disso, em 1850, com a proibição do tráfico negreiro. Neste cenário, o governo viu “a solução na vinda de imigrantes europeus para trabalhar como agricultores” (Vieira, 2020, p. 11). Eles resolveriam não apenas a falta de mão de obra nas lavouras, mas outra questão que mobilizava o governo na época: o embranquecimento da população.

Conforme Vieira (2020), “no período de uma década, entre 1890 e 1899, entraram no país 690.365 italianos, 219.653 portugueses, 164.293 espanhóis e 17.084 alemães” (p. 11). O Vale do Itajaí, em Santa Catarina, foi um dos principais locais ocupados pelos imigrantes vindos da Alemanha.

A política imigratória se intensificou, principalmente, com a Proclamação da República, em 1889, assim como passou a revelar, abertamente, seu ideal de branqueamento como parte do projeto étnico e político defendido pelo governo recém-empossado (Vieira, 2020, p. 11).

No século XIX, esse movimento da chegada de imigrantes e o contato deles com a população local começou a fazer parte também das histórias narradas na literatura produzida no Brasil.

O estrangeiro era representado tanto na figura daquele que chegava ao Brasil para explorar a nova terra e junto ao índio fundar o povo cearense, como em *Iracema*, de José de Alencar (1865); como na do imigrante que, uma vez em contato com um meio considerado degenerador, passava por diversas mudanças de hábitos e comportamentos, como figurado, por exemplo, com Jerônimo e Piedade, em *O cortiço*, romance de Aluísio de Azevedo (1890), sob intensa influência determinista (Vieira, 2020, p. 12).

Na apresentação do livro *Migrância e refúgio: representações contemporâneas do deslocamento* (2025), os organizadores Leonardo Tonus Shirley de Souza Gomes Carreira explicam que foi a partir da década de 1940 que a imigração ganhou interesse historiográfico, período distante da época de grande entrada de pessoas da chamada “imigração tradicional”, como a alemã. Segundo os organizadores, mesmo depois de quase um século, ainda se exigia o resgate dos aspectos fundadores desse movimento “na formação do tecido sócio-histórico brasileiro” (Tonus; Carreira, 2025, p. 15).

Esse distanciamento temporal tem reflexos na literatura brasileira, que “imprime às narrativas um tom, por vezes, laudatório e nostálgico, (...) deixando de expressar os dilemas e conflitos inerentes à vivência migratória” (Tonus; Carreira, 2025, p. 16).

Ao analisar o romance *O guarda-roupa alemão* (1989), de Lausimar Laus, que também trata da colonização em Santa Catarina, Cristiane Roveda Gonçalves (2012) explica que os alemães que chegaram à Colônia Blumenau “sofreram provações e, anestesiados pelo trabalho de organização do novo território que estava sendo ocupado, não percebiam as rupturas, surpresas e adaptações” (Gonçalves, 2012, p. 12). Ela ainda destaca que, por isso, estas pessoas exaltavam suas conquistas com “sentimento altivo” (Kristeva, 1994, p. 14).

Deste sentimento surgem as narrativas “laudatórias e nostálgicas” sobre o período, o que, no caso dos romances estudados neste trabalho, aparece principalmente em *Verde Vale*. Coincidentemente ou não, *O guarda-roupa alemão* foi publicado pela Editora Lunardelli.

Na literatura contemporânea, as questões migratórias não deixaram de ocupar lugar relevante, tornando-se objeto de reflexão e denúncia diante das crises humanitárias globais. Conforme analisam Tonus e Carreira (2025), ao longo da história, migrantes frequentemente foram representados de forma estereotipada ou marginalizada, e a literatura contemporânea vem buscando tensionar essas imagens cristalizadas.

No recorte específico da literatura catarinense, pesquisas recentes aprofundam a discussão sobre representação migrante e memória social. Sobre *Paraíso-Paraguay*, Prass, Mügge e Kunz (2023) em “*O baú e a chave da memória*” analisam os mecanismos de memória individual e coletiva no romance de Labes, destacando que a obra não apenas revisita o passado colonial, mas denuncia os mitos de pureza e progresso associados à imigração europeia na região do Vale do Itajaí. A narrativa, segundo eles, propõe uma releitura crítica da história oficial.

No que se refere ao livro de Klueger, Marques (2015) em *A diáspora na literatura catarinense* evidencia a importância da autora na construção de narrativas de resistência, memória e identidade na literatura sul-brasileira. Complementando essa perspectiva, Carminatti (2023) em *Cruzeiros do Sul: reflexão acerca da colonialidade através da literatura de Urda Klueger* discute como a autora aborda as marcas da colonialidade e das hierarquias culturais estabelecidas no Sul do Brasil.

Gonçalves (2018) analisa que “a recriação da realidade da imigração repetiu-se ao longo do século XX, espalhando-se pelo Brasil, tornando-se um dos principais temas da literatura alicerçada no estado de Santa Catarina” (p. 18). Entre os exemplos que dá, está a obra de Urda Alice Klueger, entre outras.

Para ela, “a literatura mostra-se como recurso capaz de disseminar tal memória e assim contribuir para a formação de uma identidade cultural, ou ainda fortalecer representações idealizadas” (Gonçalves, 2012, p. 6).

Ao ter como ponto de partida fatos históricos, tanto *Verde Vale* quanto *Paraíso-Paraguay*, e outras obras consideradas romances históricos, contribuem com a formação do imaginário sobre determinado lugar e com a construção da identidade do seu povo, como analisa Cristiane Roveda Gonçalves:

A construção de determinada identidade, como se sabe, apoia-se na memória pessoal e/ou na memória de outro e ainda na imaginação. Nesse sentido, a literatura mostra-se como recurso capaz de disseminar tal memória e assim contribuir para a formação de uma identidade cultural ou ainda fortalecer representações idealizadas, muitas vezes reforçadas pelo imaginário coletivo (Gonçalves, 2012, p. 15).

Alguns adjetivos encontrados no romance de Klueger citam as características tanto do imigrante alemão quanto da própria colônia, “pacata, ordeira, constituída de homens com os mesmos ideais, os mesmos valores e os mesmos sonhos” (Klueger, 1979, p. 77). No trecho a seguir, fica evidente como estas descrições constroem uma identidade homogênea:

De uma forma ou de outra a Colônia estava se desenvolvendo e cada pequena melhoria conseguida era uma grande vitória da luta do homem contra a natureza, a constante luta pela sobrevivência. Os colonos davam-se bem e eram amigos, iam à igreja nas manhãs de domingo e faziam visitas nas tardes desses dias; trocavam experiências e compartilhavam alegrias. Eram todos filhos da mesma terra, tinham a mesma língua, os mesmos costumes, as mesmas tradições, a mesma saudade da pátria e além de tudo, possuíam em comum a coragem, aquela coragem que os havia feito emigrar e que os tornara pioneiros de uma grande aventura (Klueger, 1979, p. 69).

Outra característica constantemente atribuída a estes alemães é a de um povo que “trabalhava com afinco e prazer” em busca de um futuro próspero. “Animados de um arrojo cheio de energia, os homens trabalharam incansavelmente pelos dias” (Klueger, 1979, p. 50).

Além disso, apesar de o romance considerar todo o apoio estatal que os imigrantes alemães receberam na chegada ao Brasil, são enaltecidas as conquistas individuais dos protagonistas em uma perspectiva meritocrática:

Fora ele, Humberto, que derrubara cada árvore e conquistara a floresta cada palmo de chão; fora ele quem lançara as sementes e construíram as cercas; fora ele quem trouxera a mulher e os filhos para formar um lar - aquela terra não podia ser-lhe indiferente (Klueger, 1979, p. 66).

Outro aspecto da construção desta identidade que aparece em *Verde Vale* é o pouco contato com outras pessoas que não fossem imigrantes alemães. Sobre os filhos dos Sonne, diz o romance: “eles não sofriam interferências externas, só conheciam crianças que tinham o mesmo padrão de vida que o seu” (Klueger, 1979, p. 66). Como veremos a seguir, isso muda no decorrer da trama, mas a identidade cultural já está consolidada quando acontece.

Moraes (2024) cita Benedict Anderson (2008) ao explicar que “a cultura impressa foi a condição que possibilitou imaginar uma comunidade com base no critério nacional” (p.4). A construção dessa homogeneidade permitiu que fosse compartilhado um sentimento de vida comum, como ocorre entre os imigrantes alemães que chegam ao Vale de Urda Klueger. Ainda de acordo com Moraes (2024), “a imprensa e o romance tiveram papel incontornável para forjar a ideia de comunidade nacional imaginada” (Moraes, 2024, p.4).

Em *Paraíso-Paraguay*, também há elementos que indicam características dos antepassados alemães, mas bem menos gloriosos. No livro, é citada a “riqueza humilde destes netos de imigrantes” (Labes, 2021, p. 18). O romance de Labes também trata de mostrar como estes descendentes se distanciaram de suas origens: “A conversa que Olga tem com Hubert, seu esposo, soa a alemão, mas um imigrante que chegasse agora da Alemanha, neste ano de 1938, já não reconheceria todas aquelas palavras ditas com raiva e num dialeto muito específico” (Labes, 2021, p. 15).

No entanto, o ufanismo e o sentimento de orgulho das origens aparecem na história. Na década de 1930, industriais blumenauenses alinhados ao integralismo afirmam: “Somos ainda o berço da civilização (...). Quando nossos pais e nossos avós chegaram, havia pouco mais que nada: mato, água e gente selvagem. Fomos nós que abrimos os caminhos entre a mata, fomos nós que libertamos esse vale da selvageria dos bugres” (Labes, 2021, p. 151), e sugerem “dar um jeito de apequenar os feitos desviantes, nossos e de nossos antecessores” (LABES, 2021, p. 152).

Em *Migrância e refúgio*, Tonus e Carreira (2025) avaliam que “o pertencimento étnico representa uma prática cultural destinada a estabilizar a identidade coletiva” (p. 28). A partir desta construção de identidade é possível que o grupo se afirma como “nós”, e, conseqüentemente, aponte quem são “eles”. Os autores se referem a esse fenômeno como “princípio de diferenciação” (Tonus; Carreira, 2025, p. 28).

A gestão de sentidos que ocorre na construção da identidade étnica foca na solidificação da diferença do outro. Para isso, são criadas regras e rituais tácitos que fundamentam as ações, a fim de garantir a estabilidade da alteridade. Uma parte desse esforço é direcionada a evitar o contato direto e frequente com membros do outro grupo, pois isso fragilizaria a solidez da diferença. A interação com o outro contém um risco de desestabilizar a imagem da coesão grupal, o que, por sua vez, impacta na consciência criada para a manutenção do grupo. Desse modo, o princípio nós-eles, com suas linhas demarcatórias, representa uma estratégia-chave na concepção identitária do grupo (Tonus; Carreira, 2025, p. 39).

Os dois romances estudados nesse trabalho citam tradições que passam a fazer parte da comunidade, como encontros dominicais após a missa e práticas como a caça. Essas atividades fortalecem ainda mais o grupo, que se vê de maneira homogênea, e isso é perceptível pela narração. Assim como a figura do narrador, Tonus e Carreira (2025) lembram que “o conceito de identidade não é inocente” (p. 41).

3.1 A GUERRA DO PARAGUAI

Se, em um primeiro momento, é reforçada a identidade alemã dos imigrantes que chegaram a Blumenau, é a partir da Guerra do Paraguai que estas pessoas passam a se ver como brasileiras no romance de Urda Klueger:

O Brasil havia se insinuado imperceptivelmente nas almas daqueles homens que tinham por pátria uma terra tão diferente. Eles nunca teriam se apercebido desse sentimento de brasilidade, tão sutil fora sua chegada, se as circunstâncias não tivessem feito com que ele se revelasse. (...) A guerra contra o Brasil era uma guerra também contra eles (Klueger, 1979, p. 115).

É neste aspecto que aparecem as principais diferenças entre os dois romances estudados neste trabalho. *Verde Vale* conta que alemães da Colônia Blumenau “partiram para a guerra na manhã de 5 de outubro de 1865, levando a bênção e o respeito de todos os que ficavam, deixando no ar um vazio cheio de ansiedade e de interrogação” (Klueger, 1979, p. 117).

No livro de Klueger, são 86 homens que vão voluntariamente para o Paraguai defender o país, “que carregavam com garbo e orgulho a bandeira do império do Brasil, enfeitada de fitas com as cores da Alemanha” (Klueger, 1979, p. 117).

O que mais falava na alma dos alemães era um bairrismo que não sabiam de que maneira começara a existir, aquele que faz com que a gente tenha uma fé ilimitada na própria pátria. Embora eles não tivessem nascido na floresta que hoje era o seu lar, diante da palavra pátria suas almas

embaralhavam as imagens e confundiam as terras da Alemanha com o sítio onde agora labutavam. Como poderia perder a guerra aquele país que agora também lhes pertencia? Na pátria a gente tem uma fé ilimitada (Klueger, 1979, p 139).

Percebe-se que, apesar do sentimento de brasilidade que motiva aqueles personagens, ainda assim é reforçado que brasileiros eles não são: brasileiro, em *Verde Vale*, é o outro, como veremos a seguir.

Em *Paraíso-Paraguay*, a decisão de partir para a guerra não tem nada de voluntária. Diz o administrador da colônia a Wilhelm: “aqui sou eu que indico os voluntários. São todos homens como o senhor, que chegaram sem querer, como se não fosse nada, e tentaram se passar por alguém que eu realmente tivesse esperando” (Labes, 2021, p. 63). Assim, ele é indicado para o grupo de “Voluntários da Pátria”, homens com um histórico bem menos honroso do que aqueles que partem do *Verde Vale*, e que seguiram ao lado de “uns brasileiros, uns negros”. “Os soldados não passavam de homens assustados. Todos, sem exceção, cumpriam alguma pena e era só por isso que vestiam aquela farda” (Labes, 2021, p. 79).

Diferente dos alemães de *Verde Vale*, que vão à guerra motivados pelo sentimento de brasilidade, em *Paraíso-Paraguay* são raros os imigrantes que se arriscam: “Cada um daqueles soldados acampados, cada voluntário, sem tirar nem pôr, os pobres coitados iam lutar na guerra no lugar dos filhos dos alemães ricos” (Labes, 2021, p. 80). Acrescenta o narrador de Labes:

Não se soube de voluntário colono que tenha lutado e vencido batalha na guerra contra o Paraguay. A verdade é que os alemães não lutavam se não fosse por seu país. Mesmo condenados à guerra, preferiam esmorecer a tomar partido (Labes, 2021, p. 84).

São diferentes as motivações dos Voluntários da Pátria de *Verde Vale* e de *Paraíso-Paraguay*. Até mesmo quem são esses voluntários é um ponto contrastante entre os dois romances. Em comum, porém, está a afirmação feita pelos narradores de que os imigrantes que habitaram a Colônia Blumenau nunca deixaram de ver como verdadeira pátria a Alemanha.

4 NÓS E OS OUTROS

No momento de retorno dos voluntários da Guerra do Paraguai, a figura do “outro” ganha mais espaço nas duas histórias. Os primeiros capítulos de *Verde Vale*

dedicam-se à explicação do “nós”, a família Sonne e outros imigrantes alemães acompanhados de perto por um narrador em terceira pessoa. Se estes imigrantes são o “nós”, o restante corresponde à figura do “outro”: brasileiros, indígenas, pessoas negras, como veremos a seguir.

A partir desta perspectiva, mesmo vindos de outro país para o Brasil, não são eles os estrangeiros. Conforme Cristiane Roveda Gonçalves:

O estrangeiro só será reconhecido como estrangeiro a partir de suas singularidades e diferenças, assim tanto o estrangeiro imigrante colonizador quanto o nativo do país que o recebe valem-se de símbolos para forjarem assim uma identidade própria, capaz de reunir um determinado grupo em torno de um território invisível (Gonçalves, 2012, p. 9).

Em *Estrangeiros para nós mesmos*, Kristeva afirma que “o estrangeiro é sempre o outro do cidadão” (Kristeva, p. 69, 1994), “aquele que não faz parte do grupo” (Kristeva, p. 100, 1994). Sendo o cidadão o imigrante alemão, estrangeiro é o brasileiro, o negro e o indígena nos romances estudados.

Em *Verde Vale*, a figura do outro ganha mais espaço na trama quando um dos imigrantes alemães que vai para a Guerra do Paraguai, Ernst Zumacher, retorna casado. Conta o narrador onisciente que ele “conseguiu assombrar toda a Colônia: trouxe consigo uma mulher brasileira! (...) Recebida com curiosidade, foi logo em seguida segregada por um instinto de rejeição por parte de quase todos” (Klueger, 1979, p. 153).

Juana, a mulher que chega à Colônia com Ernst, é apresentada como uma figura excêntrica e apontada pelo narrador como “uma intrusa, era galho de outra árvore, água de outro rio, chuva de outra terra” (Klueger, 1979, p. 154). Ernst, por sua vez, também é repreendido por chegar com ela a Blumenau. Conforme o narrador, “ele fora um traidor de sua pátria e de suas origens, pisoteara as tradições de seu povo ao elegê-la para companheira de sua vida” (Klueger, 1979, p. 154).

Em *Paraíso-Paraguay*, o encontro com “o outro” se dá de maneira cruel. O alemão Wilhelm captura uma criança paraguaia após um massacre que acabou com a vida de centenas de meninos: “Já mataram muitos, disse Wilhelm, e eu vou precisar desse aqui para me resolver no Brasil” (Labes, 2021, p. 99).

José, que depois recebe o nome alemão de Joseph e o apelido de Pepe, é apontado pelo narrador como “um troféu, a medalha mais importante que um soldado raso como ele podia alcançar”: era a “prova de que havia lutado e vencido a guerra no lugar dos filhos dos ricos” (Labes, 2021, p. 100).

Wilhelm e Pepe são recebidos pelo administrador da Colônia, que dá as terras prometidas e adverte: “Depois que levar o índio, não apareça mais com ele por aqui” (Labes, 2021, p. 106). E é assim que a família sem sobrenome passa a abrigar o Paraízo, localidade afastada da vila que nascia.

4.1 INDÍGENAS, NEGROS E BRASILEIROS

Juana e Pepe não são os únicos personagens que podem ser apontados como “o outro”, “o estrangeiro”, tanto em *Verde Vale* quanto em *Paraízo-Paraguay*. O primeiro contato “externo” que os imigrantes alemães têm ao chegar ao Brasil se dá com os indígenas, figuras temidas, marginalizadas e que devem ser afastadas.

Em *Verde Vale*, indígenas são frequentemente apresentados pelo narrador como selvagens e animalizados: “até então sempre houvera muita paz e harmonia, excetuando-se uns poucos aparecimentos de bugres, perigos de cobras e animais selvagens” (Klueger, 1979, p. 30). Em determinado momento, o diretor da Colônia aconselha “a não afastar-se demais dos sítios já existentes, para evitar o perigo dos índios” (Klueger, 1979, p. 30).

Quando os Sonne já estão instalados em suas terras, há um episódio que reflete esse temor, quando uma criança indígena aparece na plantação de milho. Gustav, filho de Humberto e Eillen, pede: “Me dê o revólver, Mutter, eu atiro no primeiro índio que aparecer” (Klueger, 1979, p. 72).

O narrador de *Verde Vale* faz, no entanto, uma reflexão crítica sobre os indígenas serem os verdadeiros donos daquelas terras:

Eles eram uma constante ameaça à paz e à segurança dos colonos: verdadeiros senhores daquelas terras, não avisavam, não pediam licença. Apropriaram-se em poucos minutos do que os colonos haviam levado meses para conseguir e não tinham piedade em atacar os estranhos homens louros que haviam invadido suas terras (Klueger, 1979, p. 74).

Em *Paraízo-Paraguay*, a figura do indígena expressada pelos alemães também se assemelha à do selvagem e é mencionada pelas personagens mais com desprezo do que com temor. Em determinado momento, o pastor diz a Wilhelm:

Eles já se matavam entre si antes de aqui chegarmos. São três ou quatro qualidades de índios que não prestam pra nada: não falam a língua dos brasileiros, jamais aprenderão a falar alemão e são fugitivos, ah, como fogem, não aceitam a fé cristã, não rendem graças a Deus, não plantam, não colhem, não estudam e não trabalham. Limpar o mundo de infieis é uma forma de agradar ao Senhor, meu filho (Labes, 2021, p. 113).

O “outro” do alemão também aparece nos dois romances na figura de pessoas negras. Em *Verde Vale*, causam mais curiosidade do que temor, mas ainda assim o preconceito é evidente desde a chegada dos imigrantes ao Brasil: “Houve espanto e admiração entre os colonos loiros que chegavam ao ver-se frente a frente com homens negros” (Klueger, 1979, p. 23).

Já na Colônia Blumenau, é apresentado um novo personagem: Armindo, “negro, é verdade, mas era bom sujeito” (Klueger, 1979, p. 114). Ao tratar dele, o narrador demonstra a complexidade das relações que passam a se estabelecer:

Era mais bem-aceito por eles do que era pelos brasileiros, que o olhavam sempre como um meio-homem, um simples escravo alforriado. Os alemães, apesar de não o tratarem como a um igual, tratavam-no como a um brasileiro, e isso era tudo o quanto ele almejava na vida (Klueger, 1979, p. 70).

Mais uma vez, assim como faz em relação aos indígenas, o narrador de Klueger reflete sobre a problemática relação entre os alemães e as pessoas negras: “Havia a semente do preconceito recebido juntamente com a filosofia do seu povo e os parâmetros estavam estabelecidos: um negro é bom enquanto não tentava se misturar com os brancos” (Klueger, 1979, p. 114).

Em *Paraíso-Paraguay*, o preconceito racial ganha outros contornos por meio da violência física. Wilhelm, ao chegar à Desterro e partir para Blumenau, é acompanhado por um casal de escravizados. Ele tenta matar o homem e abusa sexualmente da mulher. É evidenciado pelo narrador do romance o poder que o alemão acredita ter em relação aos demais:

Um homem precisa sentir esse poder, faz parte dele, e por isso ele segurava a moça com força, querendo deitar com ela, mas a moça não reagia, não amolecia, e isso começou a fazer Wilhelm se sentir desafiado. Segurando-a pela cintura com um braço, o outro mantinha a cabeça da mulher submersa nas águas barrentas do rio. Impossível, pensava ele, impossível eu, o alemão, dotado dos mais importantes documentos, amigo do grande industrial teuto da Ilha de Santa Catarina, a caminho da melhor colônia para se viver em todo território imperial brasileiro, agora não consigo me aliviar no corpo de uma escrava (Labes, 2021, p. 50).

Há ainda outro grupo de “outros” nos dois romances resumido apenas como “brasileiros”, assim como Juana. Em *Verde Vale*, um deles é o vizinho dos Sonne, Thomé Dias da Rocha. Ele e sua família são apresentados como “brasileiros provindos do litoral, da região de Porto Belo, e pouca coisa falavam de alemão” (Klueger, 1979, p. 57). Thomé é descrito como “homem de luta”, que “trabalhava tão bem quanto qualquer dos vizinhos alemães” (Klueger, 1979, p. 58). Por isso, apesar

de ser uma “estrela de cor diferente”, ele é visto como “honesto, trabalhador, bom vizinho e como tal era aceito e respeitado”.

No entanto, conforme o narrador, Thomé provinha “de um mundo diferente, de uma cultura diferente” (Klueger, 1979, p. 69). Tal afirmação corrobora com a definição de Kristeva sobre quem é o estrangeiro, e isso não está relacionado, necessariamente, com limites geográficos.

Apesar de “bem aceito” pelos alemães, é Thomé quem os rejeita: “sentia-se parte daquela terra, dono daquela terra e não gostava de ouvir comparações com um país desconhecido. Era como se estivesse sendo humilhado em sua própria casa” (Klueger, 1979, p. 69).

Neste sentido, os alemães também podem ser considerados “os outros” de alguém, como eram para Thomé. Em *Paraíso-Paraguay*, essa divisão ocorre entre o próprio grupo de alemães: Wilhelm, sem posses, depois de cometer crimes e sem família, é colocado em uma subcategoria, ao lado de ex-escravizados e criminosos aptos a ir para a guerra lutar pelo país. É o “outro” de imigrantes como Humberto Sonne, de *Verde Vale*, bem-sucedido ao se instalar na Colônia.

4.2 QUANDO O “OUTRO” PASSA A SER “NÓS” (OU QUASE)

A relação entre os imigrantes alemães e “os outros” se torna ainda mais próxima, tanto em *Verde Vale* quanto em *Paraíso-Paraguay*, quando passam a habitar a mesma casa. No livro de Urda Klueger, isso acontece quando uma criança é salva de uma enchente - fato tão comum em Blumenau e região - por Humberto Sonne. Diz o narrador: “Pequena e franzina, via-se de imediato que era mestiça. Um dos pais teria sido negro; sua pele castanha e cabelos característicos diziam isso bem alto” (Klueger, 1979, p. 90).

A menina, de nome Elzira, é adotada pela família Sonne. Desde sua chegada, recebe muito afeto do casal Humberto e Eileen, que ensinam a ela sua cultura que, segundo o narrador, é absorvida: “não fosse o marrom da pele e o crespo dos cabelos, poderia ser tomada por uma europeia” (Klueger, 1979, p. 93).

No entanto, apesar de aceita naquela casa, é lembrada sempre como alguém diferente pelos alemães, como mostra o narrador de *Verde Vale*:

Como na família, Elzira foi aceita na sociedade. Era motivo de curiosidade, como também o era as crianças índias que duas outras famílias estavam criando, crianças estranhas e arredias tomadas do interior da mata para

uma inesperada vida civilizada (?), e que instintivamente relutavam o quanto podiam em adaptar-se ao novo ambiente (Klueger, 1979, p. 97).

O ponto de interrogação no trecho citado está dentro da observação do próprio narrador, o que mostra uma reflexão ou questionamento sobre o assunto e reforça a ideia de que não há neutralidade em quem narra a história. O narrador, assim, torna-se também personagem do romance.

Voltando à história, ao ingressar na escola, Elzira é vítima de racismo e escuta de outra criança: “o que é que esta negra suja quer aqui?” (Klueger, 1979, p. 143), sendo defendida pelos irmãos.

A reviravolta na trama se dá quando Reno, filho dos Sonne, e Elzira se apaixonam, ainda na adolescência. Ele diz a um amigo: “Eu sei que ela é negra, mas eu a amo! (...) Vou me casar com ela e não estou me importando se ela é negra ou não” (Klueger, 1979, p. 183). Os dois acabam tendo uma relação e Elzira engravida. Reno é obrigado pelo pai a ir embora, ela fica doente, e a família, “desonrada”, é repelida pela sociedade local: “Vejam só no que dá ser bom para com os negros!” (Klueger, 1979, p. 185), diz uma personagem.

O narrador de Klueger reflete:

O racismo que jazera quase adormecido por tantos anos cresceu da noite para o dia com todo o vigor e havia quem cuspiasse para o lado ao lhes pronunciar o nome. Negros! Subgente, uma raça que servia somente para a escravidão, embora a escravidão não fosse uma coisa cristã e muita gente já tivesse tido amizade com algum negro. Ora, os negros! (Klueger, 1979, p. 185).

Sobre o filho de Reno e Elzira, a família Sonne lamenta que “fatalmente nasceria negro” (Klueger, 1979, p. 188). A tragédia que já se anunciava se completa no parto de Elzira: “Foi uma luta trazer aquele bebê ao mundo: quando ele gritou e chorou nas mãos do médico, vivo e forte como um bom bebê, as forças de Elzira acabaram” (Klueger, 1979, p. 192).

O menino é, então, criado pelos avós, junto da família, mas ainda assim a diferença é mencionada pelo narrador onisciente:

Nos braços de Eileen e sob os cuidados de Eileen, Alex estava se desenvolvendo que era uma beleza. Neto, sim, era neto, mas ela pensava nele como um filho, já que mãe estava sendo. Muitas vezes parava para pensar nas voltas que dá a vida: aquela criança de cor tinha o sangue dela, de Humberto e de Reno - e ela o amava (Klueger, 1979, p. 194).

Diferente de Elzira, adotada pelos Sonne, Pepe, sequestrado por Wilhelm em *Paraíso-Paraguay*, não se torna parte da família, tampouco da comunidade. O narrador de Labes reflete que a relação que havia era de troca: “Se Wilhelm conquistou essa terra, foi por causa do menino, e se o menino logrou chegar até aqui foi por causa do alemão. (...) Um, porque tirou o outro do meio da guerra. O outro, porque era a própria guerra” (Labes, 2021, p. 127).

O menino também se percebe como alguém diferente, ele estrangeiro, de fato, mas vendo os alemães como os outros, como mencionado anteriormente. “Ele sabia que não pertencia a esse lugar e sabia que tinha algo de errado com a cor das pessoas” (Labes, 2021, p. 132). Pepe tampouco é absorvido pela comunidade local: “a criança nunca foi aceita entre os pequenos da escola, da igreja, das ruas e dos matos do Paraíso” (Labes, 2021, p. 127).

É apenas o sobrenome não mencionado e falso de Wilhelm, já que este roubou documentos ao chegar ao Brasil, que dá ao paraguaio algum respeito. Ele cresce e se casa com Frieda: “mesmo que o pai dela não gostasse muito da cor de bugre do genro, queria se aproveitar do sobrenome alemão para fazer negócios” (Labes, 2021, p. 128).

Olga, a idosa que recupera a história da família em seus últimos dias de vida em *Paraíso-Paraguay*, é a filha de Pepe e Frieda. A saga termina quando ela conta que, após seu nascimento, o pai começa a refletir sobre as próprias origens, torna-se taciturno e acaba partindo de volta ao país de onde veio, ela supõe. “la com os olhos de menino, disseram, porque estava voltando pra casa. (...) eu sei que ele voltou pra casa, foi atrás da mãezinha dele lá no Paraguay” (Labes, 2021, p. 137). É assim que a família sem sobrenome descobre a origem indígena, e envergonha-se disso. O fato deve continuar em segredo, enterrado junto com Olga.

A mistura de raças que dá origem à Blumenau contemporânea é outro ponto de contato entre os dois romances. Em *Verde Vale*, é celebrada como parte da identidade local, apesar de o romance oferecer uma versão idealizada dos imigrantes alemães e trágica do contato entre “eles” e “os outros”, evidenciada na morte de Elzira durante o parto. O contato resulta em tragédia, avisa o livro.

Em *Paraíso-Paraguay*, não há entre os personagens qualquer sinal de orgulho da origem mestiça:

Não há crime maior do que a selvageria a que foi condenado este povo, meu senhor, repare como esta terra chafurda na mestiçagem - os bugres e

os negros, a quem Deus deu as costas - e como lutamos para que a colônia seja mantida sã e salva deste tipo de doença (Labes, 2021, p. 57).

A “doença” da mestiçagem remete à ideia de embranquecimento e de purificação da população, buscada pelo governo brasileiro ao atrair os imigrantes europeus para estas terras, como abordado no capítulo que tratou da construção da identidade. A fala da personagem citada anteriormente demonstra como esta visão passou a fazer parte da identidade cultural daquele grupo.

5 REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA FICÇÃO

O fato de questões como migração, racismo, xenofobia aparecerem em obras de ficção é relevante. Para Tatiana Salem Levy (2011) em *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*, “a palavra literária é fundadora de sua própria realidade” e tem “o poder de criar, de fundar um mundo” (p. 20).

Os elementos do romance, tais como fatos, diálogos e personagens, são evocados e realizados a partir de palavras que precisam torná-los visíveis e compreensíveis em sua própria realidade verbal (Levy, 2011, p. 20).

Para a autora, a realidade fictícia “funda-se na sua irrealidade, mas nem por isso deixa de ser real. Ao contrário, seu grande poder de fingir, de enganar, pode ser bem mais real do que a realidade” (Levy, 2011, p. 26).

Como apresenta Erich Auerbach em *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (2009), os textos literários estabelecem uma mimese do mundo, e por meio dessa representação, é possível identificar as relações de poder, exclusão e pertencimento que marcam a trajetória humana.

Anatol Rosenfeld (1998) aponta que “este mundo fictício ou mimético, que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele” (Rosenfeld, 1998, p. 15). Ele acrescenta que “é paradoxalmente esta intensa aparência de realidade que revela a intenção ficcional ou mimética” (Rosenfeld, 1998, p. 20).

Graças ao vigor dos detalhes, à veracidade de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à casualidade dos eventos etc., tende a constituir-se a verossimilhança do mundo imaginário. Mesmo sem alguns destes elementos o texto pode alcançar tamanha força de convicção que até histórias fantásticas se impõem como quase-reais. Todavia, a aparência da realidade não renega o seu caráter de aparência. Não se

produzirá, na “verdadeira ficção”, a decepção da mentira ou da fraude (Rosenfeld, 1998, p. 20-21).

Tendo em vista a afirmação de que a aparência de realidade não tira da obra seu caráter ficcional - pelo contrário, a reafirma, esse trabalho propõe também um olhar crítico e uma atualização do estudo de José Endoença Martins (2000), que separa a historiografia literária de Blumenau em duas fases: Blumenalva, termo cunhado pelo poeta Lindolf Bell no verso “Dentro de ti viajo Blumenau, Blumenalva, Blumeágua”, e Nauemblu, neologismo criado pelo escritor Dennis Radünz no poema de mesmo nome, que começa com “o rio irremovível, vela sem açus, nauemblu” (Radünz, 1998, p.25).

5.1 BLUMENALVA E NAUEMBLU

Conforme Martins (2000), enquanto Blumenalva abrange obras que mostram a história romantizada da migração e dão cores leves ao verde vale, revelando uma saga de superação dos antepassados que deve servir de exemplo aos cidadãos do presente, Nauemblu desconstrói a visão estereotipada do homem trabalhador e honrado que construiu a cidade para questionar a própria história.

O estudo *Blumenalva e Nauemblu: Metáforas de uma historiografia literária de Blumenau* (2000) analisa obras e autores até a década de 1990, já considerando que o trabalho de Urda Klueger se insere na primeira categoria.

Nas décadas seguintes, porém, com a greve geral dos trabalhadores das fábricas da cidade em 1989, a abertura de mercados, a hiperinflação, a indústria têxtil começa a decair. De acordo com Labes (2025), “a poética da Nauemblu se valerá da destruição da indústria para dizer que já não há mais para onde fugir”.

Duas metáforas recorrentes e antagônicas cobrem a cidade na poesia blumenauense: a idealizada, paradisíaca e limpa pode ser representada no neologismo Blumenalva. A que se opõe à idealização pode ser entendida como a desarticulação da primeira no estranhamento desconstruído da palavra Nauemblu (Martins, p. 271, 2000).

A produção literária de Labes começa depois do período estudado por Martins, mas, pelos critérios definidos por ele, aproxima-se da Nauemblu. Para Martins, “esta desarticulação verbal da cidade deve soar como um elemento desanimador porque contradiz a expectativa paradisíaca” (Martins, 2000, p. 275).

No entanto, é preciso lançar uma reflexão antes de inserir *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay* em uma ou outra categoria. A Colônia que surge no primeiro romance é, de fato, paradisíaca e limpa. O narrador de *Verde Vale*, porém, não se dedica apenas a destacar essas características ou os feitos dos imigrantes alemães: mostra também um olhar crítico em relação ao tratamento dado aos indígenas, às pessoas negras, aos brasileiros de forma geral. Aponta, mais de uma vez, que há racismo na atitude daqueles primeiros habitantes.

Portanto, apesar de Martins (2000) afirmar que a obra de Urda Alice Klueger se insere na categoria Blumenalva, já que a autora busca no hibridismo cultural teuto-blumenauense “os elementos culturais e estéticos para sua ficção” (Martins, 2000, p. 284), com uma concepção positiva centrada na germanidade, não se pode reduzir *Verde Vale* a este aspecto já que outras abordagens também aparecem na obra por meio do narrador.

Já *Paraíso-Paraguay*, de fato, desmistifica a figura heroica do imigrante alemão e a ideia romantizada da colonização.

O romance de Labes (2021) ocupa-se de uma trajetória familiar, em meio a guerras, tragédias e episódios de uma História que teima em ser esquecida – ou trancada em um baú, cuja chave de acesso é a memória de uma idosa à beira da morte (Prass; Mügge; Kunz, 2023, p. 2).

Assim, a obra de Labes se aproxima da Nauemblu: uma “imagem muito forte, insuportável para a cidade” (Martins, 2000, p. 275) - tão insuportável que, para a família sem sobrenome de Olga, a revelação da origem indígena precisa permanecer em segredo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura conjunta de *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay*, romances postos em diálogo neste trabalho, demonstrou que a migração, enquanto tema central destes romances representativos da literatura de ficção produzida em Santa Catarina, se manifesta como processo simbólico, identitário e estético. Ao colocar os dois livros em diálogo, este trabalho buscou identificar seus pontos de contato, suas divergências e, sobretudo, as formas distintas de narrar a experiência migratória e seus desdobramentos na constituição da identidade regional.

O objetivo desta pesquisa não foi reconstruir uma historiografia literária da colonização alemã em Blumenau, mas analisar como personagens, narradores e estruturas narrativas elaboram e tensionam a memória coletiva na ficção. Nesse sentido, reconhece-se o papel ativo do narrador enquanto “manipulador da função narrativa” (Rosenfeld, 1998), guiando o leitor conforme o ponto de vista que escolhe privilegiar, filtrando eventos, criando associações e moldando interpretações.

A relação entre Klueger e Labes transcende a comparação de textos. O autor de *Paraíso-Paraguay* reconhece que as conversas com Urda Alice Klueger compõem parte importante de seu repertório literário, revelando um vínculo intertextual que ultrapassa a influência temática e alcança dimensões afetivas, formativas e culturais.

Em *Verde Vale*, a narrativa se estrutura sobre a memória enaltecida da germanidade, valorizando atributos como coragem, disciplina, fé e espírito de trabalho. No entanto, o romance não se limita a esse retrato idealizado: o narrador reconhece contradições, preconceitos e tensões internas à colônia, além de refletir criticamente sobre a relação dos imigrantes com indígenas e pessoas negras, por exemplo. Essa postura dialoga com a definição de Kristeva acerca do estrangeiro, que não se limita a fronteiras geográficas, mas emerge também nas relações sociais e culturais. Em *Verde Vale*, a partir do ponto de vista do narrador, o estrangeiro é o brasileiro, o indígena, o negro, e, paradoxalmente, é também o próprio imigrante alemão em seu processo de tornar-se brasileiro.

Paraíso-Paraguay revisita o mesmo cenário de colonização, mas sob uma ótica diferente. Ao mesclar elementos históricos que atravessam mais de um século, da chegada de um imigrante alemão ao período contemporâneo, o romance expõe violências, silenciamentos e rupturas. Ao dar voz a personagens “sem sobrenome”, Labes evidencia a fragilidade dos mitos fundadores e desestabiliza a centralidade da germanidade como identidade homogênea. Mesmo sendo alemão, Wilhelm, um dos personagens centrais, representa o “outro” diante dos bem-sucedidos imigrantes da colônia, como Humberto Sonne de *Verde Vale*.

A Guerra do Paraguai surge como ponto de contato essencial entre os romances. Ambos apresentam personagens que se tornam Voluntários da Pátria, mas com motivações, condições e consequências profundamente distintas. Em *Verde Vale*, a participação se ancora em um sentimento de brasilidade emergente, embora o narrador reforce que, para muitos imigrantes, a verdadeira pátria

continuava sendo a Alemanha. Já o narrador de *Paraíso-Paraguay* conta que poucos imigrantes bem-sucedidos se arriscaram no conflito, sendo o grupo formado por pessoas marginalizadas, alemãs e brasileiras.

Esses cruzamentos reafirmam a observação de Gonçalves (2018) de que a imigração tornou-se um dos eixos mais recorrentes na literatura catarinense ao longo do século XX, moldando-a como tradição literária. Além disso, reforçam o que Fleck (2007) define como romance histórico: textos que conjugam ficção e eventos reais, incentivando o leitor a revisitar o passado com nova sensibilidade e permitindo que aspectos ignorados pelas crônicas oficiais venham à tona.

O fato de *Paraíso-Paraguay* dialogar tanto com o passado quanto com o presente evidencia essa característica, ampliando a noção de temporalidade e oferecendo uma leitura atual da história.

Na literatura contemporânea, como discutem Tonus e Carreira (2025), a migração é tema relevante, especialmente diante das crises humanitárias e do questionamento das representações estereotipadas que marcaram narrativas anteriores. O gesto literário de revisitar a migração, portanto, não é apenas memorialístico: é também político e crítico.

Por fim, este trabalho confirma a importância da ficção ao lidar com a realidade. Como afirma Levy (2011), a ficção funda-se na irrealidade, mas nem por isso deixa de ser real, pois é justamente por meio de sua capacidade de fingir e reinventar que ela revela dimensões invisíveis do mundo. Rosenfeld (1998) considera que é a própria aparência de realidade que evidencia a intenção ficcional.

Assim, *Verde Vale* e *Paraíso-Paraguay* demonstram que narrar a migração é mais do que reconstruir um passado: é reinterpretá-lo e interrogá-lo. Ao reconhecer que a identidade da região se constrói a partir de encontros, ausências, tensões e misturas, os romances reafirmam que a literatura é um lugar privilegiado para pensar essas questões, justamente por cobrir lacunas da história oficial.

A partir dessa leitura conjunta, conclui-se que a literatura catarinense, ao lidar com a migração, não apenas preserva a memória, mas a transforma, abrindo novas possibilidades de leitura para o passado e, simultaneamente, ampliando os horizontes para compreender o presente.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BELL, Lindolf. **Blumenau** (Poema exposto como mural no Hall de Entrada da Prefeitura Municipal de Blumenau).

CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1998.

CARMINATTI, Lucas. **“Cruzeiros do Sul”**: reflexão acerca da colonialidade através da literatura de Urda Klueger. *Revista Santa Catarina em História*, v.16, n.1-2, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/124459927/_Cruzeiros_do_Sul_reflex%C3%A3o_acerca_da_colonialidade_atrav%C3%A9s_da_literatura_de_Urda_Klueger_Cruzeiros_do_Sul_reflection_on_colonality_through_the_literature_of_Urda_Klueger. Acesso em: 30 jun. 2025.

COSTA, Claudia. **Haiti: seu povo, sua história, sua luta!** São Paulo: Conlutas, 2009.

DE BARROS DE ALBUQUERQUE, Adenilson. **Canudos/Paraguai**: Regressos Ficcionalis Das Guerras. *EntreLetras*, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 104–114, 2022. DOI: 10.20873/ufft2179-3948.2021v12n3p104-114. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/13224>. Acesso em: 1 out. 2025.

DE MORAES, Ricardo Gaiotto. Ruge a carta, corresponde o arado, ara o rugido: utopias de comunidade na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 73, p. e7308, 2024.

FLECK, Gilnei Francisco. **A conquista do “entre-lugar”**: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá: Niterói*, n. 23, p. 149-167, 2. sem. 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/1873040/Reflex%C3%B5es_sobre_a_poesia_como_abertura. Acesso em: 8 nov. 2025.

GONÇALVES, Cristiane Roveda. **Memórias da colonização**: ficção e realidade em O guarda-roupa alemão, de Lausimar Laus. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103438>. Acesso em: 1 out. 2025.

KLUEGER, Urda A. **Verde Vale**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

LABES, Marcelo. **A língua na história da imigração alemã no Brasil**. Disponível em: <https://marcelolabes.substack.com/p/a-lingua-na-historia-da-imigracao>. Acesso em: 7 out. 2025.

LABES, Marcelo. **Deus não dirige o destino dos povos**. Florianópolis: Caiponte Edições, 2023.

LABES, Marcelo. **Paraíso-paraguay**. Florianópolis: Caiponte Edições, 2021.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARQUES, Juliene da Silva. **A diáspora na literatura catarinense: resistência, memória e identidade nas narrativas de Urda A. Klueger**. Revista Memorare, v. 2 n. 3, 2015. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/3313. Acesso em: 30 jun. 2025.

POSFÁCIO PODCAST: Literatura Catarinense: Urda Klueger e Marcelo Labes. Entrevistados: Carlos Henrique Schroeder, Ieda Magri, Marcelo Labes, Urda Klueger e Viegas Fernandes da Costa. Entrevistadoras: Caroline Passos e Stefani Ceolla. Posfácio Hub de Jornalismo, 20 out. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5ZfFixOxFebrOYrfdOYgbC?si=Yb2QQko6TZON9WzQmVak5A>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PRASS, R. M. *et al.* **O baú e a chave da memória em Paraíso-Paraguay, de Marcelo Labes**. Signo, [S. l.], v. 48, n. 92, p. 5–18, 2023. DOI: 10.17058/signo.v48i92.18189. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/18189>. Acesso em: 1 out. 2025.

RADÜNZ, Dennis. **Exeus**. Florianópolis: Letras Contemporâneas: Ed. da UFSC, 1998.

REIS, Marcos Konder. **Apresentação**. In: KLUEGER, Urda A. **Verde Vale**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e personagem**. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1998.

TONUS; CARREIRA (org). **Migrância e refúgio: representações contemporâneas do deslocamento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025.

TONUS, Leonardo. **Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa?** In: Letras de Hoje, v. 53, n. 4, p. 476-483, out.-dez. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/33009/17766>. Acesso em: 30 jun. 2025.

VIEIRA, Viviane da Silva. **Representações do estrangeiro no romance brasileiro de 1930: literatura, cultura e política**. Campinas, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15195>. Acesso em 8 nov. 2025.

ANEXO

Transcrição do episódio 2 da série especial Literatura Catarinense, do Posfácio Podcast, intitulado “Urda Klueger e Marcelo Labes”.

Narradora 1 (Caroline Passos): Você está ouvindo três pessoas que gostam muito de animais chegando em uma casa habitada por uma mulher, cachorros e gatos. A mulher é Urda Alice Klueger. Ela nos recebe com um vestido vermelho, longo. Tem o cabelo bem claro e corte no estilo chanel. Anda devagar acompanhada de dois cachorros. Nos recebe no portão. Cumprimenta eu, Carol Passos, a Stefani Ceolla, e o escritor Marcelo Labes.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Na primeira tarde da primavera de 2023, quando tava fazendo quase 40 graus na Grande Florianópolis, eu dirigi, com a Carol ao meu lado e o Labes no banco de trás, os 35 quilômetros que separam o centro de Floripa da Enseada de Brito, em Palhoça, onde a Urda mora. O Labes e a Urda são amigos de longa data, e ele fez essa ponte pra gente poder conversar com uma das mais importantes escritoras de Santa Catarina. Era a primeira vez que eu via a Urda pessoalmente e falava com ela. Eu tinha acabado de ler um dos seus livros mais famosos, *Verde Vale*, e tava levemente emocionada e ansiosa por essa conversa.

Narradora 1 (Caroline Passos): Eu já conhecia a Urda. Fui repórter no Jornal de Santa Catarina, em Blumenau, onde ela também morava, e a entrevistei algumas vezes. Mas estar ali na casa dela, gravando pra esse podcast, numa conversa mais intimista, mediada por um amigo dela e nosso, era uma experiência nova. E você vai ouvir essa conversa, e saber o que ela tem a ver com literatura, a partir de agora. Eu sou a Carol Passos e você está ouvindo o segundo episódio da série especial sobre literatura catarinense do Posfácio Podcast.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): E eu sou a Stefani Ceolla. Essa série é uma produção do Posfácio Hub de Jornalismo em Áudio, financiada pelo programa Acelerando Negócios Digitais, do Centro Internacional para Jornalistas, com apoio da Abraji e da Meta. Pra fazer essa série, a gente conta ainda com a parceria de duas empresas catarinenses: a Trasso Design e a Livros & Livros. Vamos voltar pra casa da Urda?

Narradora 1 (Caroline Passos): Com a promessa de suco de maracujá direto do pé, a gente se sentou à mesa que fica na área externa da casa da Urda pra

essa conversa. E o papo foi fluindo sem muita formalidade. Mas antes de continuar, a gente precisa te contar quem são Urda Alice Klueger e Marcelo Labes, e porque os dois são tão importantes pra literatura catarinense. Agora você vai ouvir o historiador e escritor Viegas Fernandes da Costa, também de Blumenau.

Viegas Fernandes da Costa: A Urda surge, se eu não me engano, com *Verde Vale*, que é o primeiro romance dela, se eu não me engano, ele é de 79, eu acho. E ela vai ser a nossa autora mais bem sucedida sobre o aspecto inclusive editorial, e ela vai ter esse grande número de leitores justamente porque, além da qualidade do trabalho dela, ela teve aquilo que lá no Rio Grande do Sul já havia muito tempo, que era uma editora, que era Editora Lunardelli. Ela marcou um período, ela tentou fazer o que a Editora Globo fez lá no Rio Grande do Sul, né? Só que num outro momento histórico. Mas ela conseguiu projetar a Urda para fora inclusive do Estado, né? E aí uma autora que tem mais de 20 títulos publicados, de sucesso, edições, e não foram edições pequenas, as edições com tiragens menores tiveram 1 mil exemplares publicados. Então é uma obra que tem uma circulação gigantesca para os padrões inclusive do que se produz no Brasil. Ela publicou vários romances e quando a editora Lunardelli vai à falência, o que a Urda faz? Ela cria uma editora, a Editora Hemisfério Sul. Mas diferente de outros autores que criavam a editora para se publicar, que criaram editoras para publicar seus livros, e aí há várias editoras que foram criadas assim, escritores que criam editoras para publicar a si mesmos, a Urda criou uma editora para publicar outros autores e autoras.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Autora de mais de 20 livros, leitura obrigatória na rede escolar catarinense, dona de editora que publicava e impulsionava novos autores e autoras. Esse é um bom resumo do tamanho da importância da Urda. E também explica a relação dela com o Marcelo Labes. Os dois têm mais de 30 anos de diferença na idade, mas muitas semelhanças nos ideais, no estilo de vida e na produção literária.

Narradora 1 (Caroline Passos): Autor de 13 obras, o Labes tem no currículo livros reconhecidos nacionalmente, como *Enclave*, finalista do Prêmio Jabuti em 2019 na categoria poesia, o romance *Paraíso-Paraguay*, que ficou em segundo lugar no Prêmio Machado de Assis em 2019 e foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020, e *Três porcos*, vencedor do Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional em 2021. O Carlos Henrique Schroeder, escritor, crítico e curador, explica a importância da obra do Labes.

Carlos Henrique Schroeder: O Labes tem uma característica muito interessante, porque além dos livros todos serem excelentes, ele foi alguém que conseguiu, dentro das bolhas das redes sociais, criar caixas de ressonância, né? Então ele conseguiu dentro do Facebook, do Instagram, ressoar, e isso levou a obra dele muito longe. Depois, as coisas foram acontecendo. Tipo, ele ganhou os prêmios, foi ganhando os prêmios, então ele conseguiu furar sem precisar estar na grande mídia, né? Sem precisar estar na grande mídia, ele conseguiu chegar muito longe, então é muito legal.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): No livro mais recente do Labes, chamado *Deus não dirige o destino dos povos*, tem uma personagem chamada Urda. Mas, na verdade, ela tá presente em várias das obras dele e em muitos outros personagens e fatos, só que é a primeira vez que aparece nominalmente na obra. Claro que quando eu li o livro, fiquei curiosa e perguntei pro Labes sobre a Urda. E foi assim que a gente descobriu a dimensão dessa relação de amizade entre os dois. Agora, estamos de volta à casa da Urda, falando desse livro.

Urda Klueger: E tu, né, um livro atrás do outro?

Marcelo Labes: Tamo aí né.

Urda Klueger: Tu só me diz: aquele que entra a greve de 89 já saiu?

Marcelo Labes: Aham.

Urda Klueger: Diz o nome.

Marcelo Labes: É *Deus não dirige o destino dos povos*.

Narradora 1 (Caroline Passos): *Deus não dirige o destino dos povos* foi lançado pelo Labes agora em 2023. Fala, sim, da grande greve dos trabalhadores da indústria têxtil em Blumenau no fim dos anos 80, mas essa é quase a parte final da história. Na verdade, em uma obra de ficção, mas não muito, o Labes passa pela Segunda Guerra Mundial, o Integralismo, a Ditadura Militar, essa greve, e chega ao neofascismo que ganhou mais força recentemente. Tudo isso numa narrativa investigativa e com personagens que vão ligando esses fatos uns aos outros.

Urda Klueger: Eu acho que sou personagem, né?

Marcelo Labes: Mais de uma vez. A Urda tá na gênese de *Deus não dirige*.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Por quê?

Marcelo Labes: Só por ser a Urda. Tu lembra aquele dia que eu morava no porão? A Urda foi lá em casa e a gente tinha uma coisa muito séria pra conversar,

que não podia ser dentro de casa, e a gente foi pra calçada. E aí, nisso, tá descendo uma mulher pela rua e pergunta: tu não é a Urda? Ela fala: eu sou. E tu quem é?

Urda Klueger: Eu tinha acabado de ler um artigo que ela tinha escrito sobre o avô dela. Ele era advogado e conheci no Garcia. E todo mundo que era explorado pela companhia Hering ele defendia, e ele foi preso em 1964. É uma história bem complexa, ele vai pra Rússia, e no fim ele volta e fica no porão de uma casa. E ela era neta desse homem. Ela lembrava que o oficial do exército pegava ela no colo na tortura do avô. Tu vê que tudo é meio mágico, né?

Narradora 2 (Stefani Ceolla): É por isso que eu costumo brincar que na América Latina, a gente pode chamar realismo mágico só de realismo mesmo. Essa história desse advogado e da família dele, de alguma forma, aparece em *Deus não dirige*. E outras histórias que a Urda vivenciou, também.

Urda Klueger: Eu tava junto, eu era uma criança, tinha 12 anos, na Marcha da Família com Deus pela Liberdade. O que eu mais me lembro é que minha prima, que era adulta já, com uma sandália de sola de pneu, pra ser bem durável pra ir pra fábrica a pé, até hoje quando eu falo dessa minha prima eu falo da sandália dela. Ela andando assim na rua. Blumenau tava inteira na rua.

Narradora 1 (Caroline Passos): A Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi uma manifestação pública de grupos conservadores. Em 1964, eles eram contrários às reformas de base propostas pelo então presidente da República, João Goulart. Foi meio que o aval do cidadão de bem pra que rolasse o golpe que acabou na Ditadura Militar no Brasil. E esse fato tá lá em *Deus não dirige o destino dos povos*.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): 25 anos depois, a Urda foi testemunha de outro fato histórico: aquela grande greve. E o Labes também tinha interesse nesse assunto.

Marcelo Labes: Essa história, pra mim, já vinha sendo escrita há muito tempo, na cabeça, né. E aí um dia eu toco no assunto com a Urda: tá, e aí, e a greve de 89? E aí ela me conta a história de que ela sai de casa pra passear com o cachorro, né, quando vê a assembleia das meninas.

Urda Klueger: Tu anda 300 metros, 400 metros. Eu saí do Bom Retiro e cheguei ali no colégio Pedro II. Tava acontecendo a assembleia que estavam pra decretar ou não a greve, e tinha uma multidão de gente, algumas mil pessoas. E tinha havido muita injustiça. Porque os trabalhadores de Blumenau que trabalhavam

nas fábricas têxteis tinham salário, sindicato, cooperativa, muitas coisas, e naquele mês em vez de receber salário, ficaram devendo pra cooperativa e não receberam salário. Aquelas mulheres ficaram tão brabas, tão brabas. E aquelas mulheres de bermuda, e uns tênis bem fortes. A assembleia tava acontecendo num caminhão de som, e o pessoal do sindicato em cima do caminhão, e se posicionava contra a greve. E essas mulheres batiam o pé no chão, com aqueles tênis grandes: não, é greve, é greve.

Narradora 1 (Caroline Passos): Foi greve. Uma greve protagonizada por mulheres.

Urda Klueger: Depois fecharam os ônibus, os bancos, o comércio, a cidade inteira. Nossa, tem uma fotografia: a parte de Blumenau onde é melhor pra tirar fotografia, a escadaria da igreja, a foto fechada de gente até onde dava. Desfile da Oktoberfest é coisa pouca perto daquela foto.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Aí a Urda chega numa coisa que é muito importante pra gente: essa outra história de Santa Catarina, que se a história oficial não deu conta de contar, ou, se contou, não chegou a todo mundo, a ficção foi lá e tapou os buracos. Porque olha só: mesmo sendo catarinense, uma jornalista catarinense, nascida nos anos 80, eu só fui saber dessa greve no livro do Labes.

Narradora 1 (Caroline Passos): Mas não é nem a Urda que viu a Marcha da Família, nem a que viu a assembleia que deu início à grande greve da indústria têxtil, que aparecem em *Deus não dirige*. É uma Urda ainda criança, numa lanchonete de rodoviária. E pra saber mais, só lendo o livro.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Agora a gente precisa dar mais um salto no tempo, só que dessa vez, pro passado. Mas antes, uma pausa do suco de maracujá da Urda.

Urda Klueger: O maracujá é tanto que tu não sabe o que fazer. É aqui do terreno, que beleza. Todo ano eu começo a comer maracujá e vou contando 1, 2, 3. Quando chega a 100 eu paro de contar.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Não é só *Deus não dirige o destino dos povos*, do Labes, que tem relação com a Urda. *Paraíso-Paraguay* dialoga bastante com o clássico *Verde Vale*, que ela escreveu lá nos anos 70. O motivo é uma guerra que aconteceu entre 1864 e 1870. E essa coincidência rolou meio sem querer.

Urda Klueger: Marcelo não há de se lembrar, porque ele leu na escola, tinha uma paraguaia que veio junto com aqueles que voltaram da Guerra do

Paraguai. Andava de cavalo, era livre, os alemães não aceitaram ela. Eu era muito novinha, ele foi publicado em 79. Fui escrever em 78, comecei a escrever em 77. Eu era muito jovem, tinha pouca experiência. Eu falei de coisas que me faziam mal.

Narradora 1 (Caroline Passos): Essa é a Urda falando do *Verde Vale*, uma obra de ficção que fala da colonização alemã na região de Blumenau. E agora, ela e o Labes falam sobre a relação entre os livros.

Marcelo Labes: Eu não tinha mais a menor ideia do *Verde Vale* mais, né. E aí eu escrevi o *Paraíso-Paraguay* e um dia a gente tá fofocando ao telefone, eu tinha acabado de mandar o *Paraíso* pra gráfica, e disse: ah, então, companheira, eu mandei meu livro pra gráfica, e ela perguntou ‘sobre o que que é teu livro?’, e eu ‘ah, é um alemão que vai pra guerra’.

Urda Klueger: O meu foi antes.

Marcelo Labes: Bem antes. É um alemão que vai pra guerra e acaba trazendo um moleque do Paraguai e dá um rolo. E ela disse: mas, companheiro, esse é o meu livro. Eu disse “qual livro?”. E ela “o *Verde Vale*”. E eu pensei: “fodeu!”.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Se a gente interpretar “fodeu” como “sucesso total”, faz sentido. *Paraíso-Paraguay* foi premiado, fixou o Labes de vez no cenário literário nacional, foi aprovado pela Urda, e como leitora recente das duas obras, eu garanto que ambas são muito originais e que se complementam. Então deu tudo certo!

Narradora 1 (Caroline Passos): Se antes a gente saltou no tempo, agora a gente vai saltar no espaço. Do Paraguai, vamos pro Uruguai, mas antes, uma passada rápida pela Argentina. Essa viagem é importante pra gente entender a relação de amizade entre o Labes e a Urda.

Marcelo Labes: Quando eu era um guri de 18 anos em Blumenau eu entrei em uma associação de escritores que tem lá, que nunca me valeu de nada a não ser conhecer a Urda, que não fazia parte do negócio, mas nos eventos ela aparecia e a gente trocava uma ideia e tal. E a Urda era a Urda, todo mundo sabia quem ela era, e um dia em 2006, talvez, eu tava com minha então namorada e eu soube que ia ter a fala da Hebe de Bonafini na Furb. Tinha que ir lá e colocar o nome na lista, já que era público externo. E a atendente nos colocou pra dentro, abriu a porta, e tava a Hebe sentada conversando com a Urda. E aí foi muito maravilhoso porque a gente passou a tarde com a Hebe, depois a gente cuidou da comida dela, levou ela pra fala, ouvimos a fala que foi maravilhosa. Antes de entrar no auditório a gente tava

enganchado andando de braço dado ela me deu um cartão da universidade das mães e convidou a gente pra visitar. E eu disse tudo bem, mas não tinha ideia de como fazer isso. Por causa desse dia, dessa conversa, desse cartão e de baixar filme argentino, eu fui pra Argentina, conheci a universidade, marchei com as mães uma primeira vez. Depois viajei pra Bolívia, pro Paraguai, e um dia conversei com a Urda e falei: companheira, tu conhece o Uruguai?

Urda Klueger: É o único país da América que eu não conhecia ainda.

Marcelo Labes: Essa foi a resposta que ela me deu. E eu perguntei: então porque nós não vamos lá? E a gente foi.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): A Hebe de Bonafini foi uma grande ativista pelos direitos humanos e uma das fundadoras da associação das Mães da Praça de Maio, na Argentina. Ela morreu em 2022 e representa bastante o tipo de pessoa e de assunto que une o Labes e a Urda. Essa viagem pro Uruguai, que o Labes contou, rolou mais de 10 anos atrás, num verão muito quente, com mais algumas jovens amigas. E foi tão importante que, na parede do quarto da Urda, tem uma foto que mostra ela e mais duas mulheres pulando, num pôr do sol deslumbrante, no meio de uma estrada. A Urda consegue contar em detalhes a história dessa viagem. Quem sabe, um dia, ela não vira um livro? Porque, sim, a Urda continua produzindo.

Marcelo Labes: Mas você continua escrevendo, Urda?

Urda Klueger: É a minha vida, né. Tu daria a mesma resposta né, Marcelo.

Marcelo Labes: É que não tem por onde, né.

Narradora 1 (Caroline Passos): Não tem por onde! A Urda marcou gerações de escritoras e escritores, e faz parte da vida de um dos grandes nomes da literatura catarinense atual pra muito além da produção literária. Mas o Labes não é o único autor contemporâneo marcado por essa mulher.

Ieda Magri: E eu adoro a Urda Alice Klueger, eu amava *No tempo das tangerinas*, e tinha outro que tem vale no nome, enfim, *Verde Vale*, eu acho que é. E eram livros que a gente indicava muito para os alunos e lia e eu amava, amava ela assim, né? Então acho que alguém que ficou como uma referência.

Narradora 1 (Caroline Passos): Essa que você ouviu é a Ieda Magri. E é sobre ela e uma nova geração de mulheres catarinenses escritoras que a gente vai falar no próximo episódio dessa série.

Narradora 2 (Stefani Ceolla): Esse podcast é uma produção de Posfácio Hub de Jornalismo em Áudio. A edição, sonorização e música original são de BZT

Estúdio. A produção, entrevistas e roteiro foram feitos por Carol Passos e Stefani Ceolla. O projeto gráfico é da Trasso Design. Saiba mais em posfacionhub.com.